



Poesia em festival  
tem V.N. de Foz Coa

pág. 7

jornal de letras, artes e ideias

Ano V n.º 147

De 30 de Abril a 6 de Maio de 1985

Preço 50\$00

Semanalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos



Acontecimento de importância primordial no domínio das Artes é a Nova Bienal de Paris; Raquel Henriques da Silva anota a mudança de critérios entre 1982 e 1985 e Manuel Graça Dias acrescenta nomes de arquitetos portugueses presentes na Bienal aos que Nuno Portas já aqui revelara há quinze dias (pág. 9).

A exposição da AICA na SNBA sugere a Rui Mário Gonçalves um itinerário com dois limites: um A (de Ângelo) e um Z (de Zulmíro) — na pág. 10.

Rui Esteves analisa a terceira produção portuguesa da temporada de ópera em S. Carlos: um «Cosi fan Tutte» pouco entusiasmante (pág. 11).

Música, ainda: um acontecimento editorial e diversas manifestações paralelas sugerem a Virgílio de Melo um texto sobre a importância da obra de Gustav Mahler (pág. 11).

### Bienal de Paris

## A arquitectura nas bienais de 1982 e 1985

Raquel Henriques da Silva

De imediato o mais interessante na presença da Arquitectura na Bienal de Paris de 1985 são as intenções metodológicas, sobretudo quando comparadas com as que tinham sido proclamadas no anterior certame, em 1982. Pelo menos em termos de opções, são óbvias e deliberadas as diferenças. Expliquemo-nos.

Em 1982, escolhia-se como título «A modernidade ou o espírito do tempo» que nos textos introdutórios, por exemplo do François Barré, se colocava sob a citação dos êxtases do primeiro modernismo europeu: Ferdinand Léger perante a beleza perfeita dos pistões de um motor, Le Corbusier evocando como modelos o paquete ou o silo para cereais ou mesmo Marinetti enumerando, entre os «lugares habitados pelo Divino», «Os combóios. As carruagens-restaurante (comer em velocidade). Esse inventário podia ser prolongado pela contemporaneidade: as armas nucleares, a música rock, os punks, o vídeo, a informática, a electrónica, o Japão, a nave espacial e, no campo específico da arquitectura, a introdução transgressora dos valores da suburbanização no coração puro da cidade: «Percorrer o subúrbio é, se formos sensíveis à sua natureza de paisagem, por em causa alguns valores estabelecidos sobre o belo e o feio, o acabado e inacabado, a unidade e a coerência, o original e o banal.» Recuperava-se assim o discurso inovador de Aprendendo de Las Vegas de Robert Venturi, uma das obras decisivas da reflexão pós-moderna americana. Explicitamente, esta opção pelos circuitos e mitos da cidade-metrópole cingida pela massificação era uma deliberada resposta a Paolo Portoghesi que havia, em 1980, organizado a seção de Arquitectura da Bienal de Veneza sob o tema «A presença da História». Contra «o movimento historicistas» e «as nostalgias de uma ordem retrospectiva», François Barré afirmava com optimismo que o debate não passava por aí, provocante-

mente, citava Sant'Ellia: «As casas durarão menos que nós. Cada geração terá que fabricar a sua própria cidade.»

Noutro dos textos introdutórios do catálogo de 1982, Jean Nouvel explicava mais claramente os pressupostos teóricos da exposição: «Não é evidentemente por acaso que tal tema (A presença da modernidade) surge depois dos consagrados à presença do passado e à corrente pós-modernista (no sentido Jencksiano do termo). Contra as «exposições necróflicas» e contra «as receitas felizes pilhadas nas estantes poeirantes do passado», o importante era o presente: «A modernidade é também a utilização — portanto o conhecimento — do potencial do presente. É como um dos caracteres maiores do «espírito do tempo» é o extraordinário desenvolvimento da imagens, mergulhada no instantâneo, no espetacular, no movimento, na truncagem», os arquitectos terão que assumir esse universo sem evidências, nem verdades, recusar «as doutrinas globalizantes e simplificadoras e ocuparem-se com a produção dos seus fragmentos de realidade. Fazermos.

Assim, apesar do reconhecimento da definitiva ausência de norma e de referentes estéticos, havia um otimismo vitalista, bebido no chão fértil da civilização: «Dos materiais às máquinas, das últimas inutilidades plásticas aos últimos aviões de guerra, da nova pasta dentífrica ao novo milharre para céulos de sol», a fabricação do consumo era sugerida como transbordante universo mítico que a cultura devia assumir e transfigurar, transfigurando-se. Afinal, pressupunha-se, as cidades, febrilmente desenhadas por Sant'Ellia ainda estavam por construir...

### A razão da arquitectura

Três anos depois, à «Modernidade ou o espírito do tempo» sucede o tema da actual Bienal: «Visão do interior ou a razão da arquitectura». Ou seja, ao vigor da exterioridade, dos corpos estridentes que no interior são ape-

nas (ou excessivamente) magníficos mecanismos sucede a sugestão de concavidade onde talvez nada exista. E ao espírito do tempo, sugerindo a aprendizagem pelo olhar, estar ou mergulhar, colar-se perdidamente à ausência de margens, sucede uma assumida vontade de restauradora: afinal a arquitectura não é a aceitação do desregimento como é comum de toda a contemporaneidade, a arquitectura tem uma razão, a razão da arquitectura. De tal modo que a capacidade de julgar se fortifica: o mesmo Francois Barré que, em 1982, partiu, na sua reflexão, das imagens míticas da civilização tecnológica, afirma agora: «Como explicar ao mesmo tempo o gosto pelo tema escolhido e a grande reticência perante a maioria dos projectos examinados? Exprimindo brutalmente a minha primeira reacção, poderia enunciá-la assim aos arquitectos: «Deixem-nos pelo menos o interior.» Já que contribuiriam para a destruição da ambiência urbana, já que nos agredem com as vossas fachadas gritantes e cenográficas, não invadam o que nos resta de possibilidade de ritmo humano centralizado na irradiação de nós próprios: «entrar em casa, fechar a porta, puxar as cortinas, pegar num livro, ouvir um disco, cozinhar, encontrar os seus», gestos antigos, longe do fulgor cada vez mais fantasmático das cidades ardentes e nos corpos gastos das máquinas. «Quando era criança, comia as cerejas e alinhava os caroços no prato e depois contava-o segundo uma ordem ritual: cabana, casa, castelo, palácio». Falsamente se entendeu a cidade como gigantesco motor pulsando ritmos radicais de uma história sem passado. Afinal tudo o que procuramos é a cabana sob o palácio, morosa e redonda como um umbigo, elementar e breve como os passos em volta.

Em 1982 não havia quaisquer homenagens.

Este ano evocam-se as casas tradicionais em adobe do Novo México, cita-se uma carta de Henri Labrouste de 1852, ilustrada com o interior da Biblioteca de Sainte-Geneviève e a cidade ideal surge através de «Son nom de Venise dans Calcutta desert»: «eu filmo salas va-

rias. Vazias de móveis, vazias de gente. Não há mais nada, senão vidros partidos». Promove-se depois Hector Guimard através das estampas coloridas do Castel Béranger desfazendo-se em doces curvas arte nova, intensamente elíticas. Em «travelling retrospectivo», Schindler, Rietveld, Le Corbusier, Mallet-Stevens, Schaaroun... os pais heróicos de uma modernidade muito juvenil, penetrada de utopia. E ainda, em «grandes planos», os blocos de Tadao Ando recuperando o gosto redondo e despojado de 1930 ou a sede da Zöblin de Gottfried Böhme reverenciando as catedrais de vidro do liberalismo aristocrático oitocentista.

Depois, ao longo do catálogo, a diversidade é maior, o colorido intenso do pós-modernismo, o gosto dos materiais breves e sem espessura, a citação do efêmero e festa de meio-dia surgem evidentemente mas, por todo o lado, crescem as sombras de um mistério que se quer reinventar e os ângulos desfazem-se num reencontro com as curvas ou os despojamentos futuristas. Daí a presença corrente de Siza Vieira, do mercado de Braga de Eduardo Souto Moura ou do Museu Romano de Rafael Moneo que Nuno Portas já evocou nas páginas deste jornal.

À contrário do que acontece com a pintura, insistindo em percursos sem novidade, a Arquitectura pretende sugerir, forçar, um reencontro com enterradas certezas: «Adolf Loos melhor que ninguém traçou a linha de demarcação. O arquitecto deve comportar-se como artesão e não como artista.» A cidade voltará a ser um espaço aberto às vibrações que lhe vêm do sangue saturado da vida que cada um tem que inventar. O arquitecto não é nenhum mago se não evocar os deuses antigos do lar. E o centro da casa é um espaço aberto ou vazio sobre o mundo que é anterior à cidade.

Ver artigo de António Mega Ferreira sobre as Artes Plásticas na Nova Bienal de Paris no dossier «França: tendência do fim-de-século».

